

Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0  
Cadernos PDE

VOLUME II

**OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Produções Didático-Pedagógicas**

**2016**

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ-SEED**  
**SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO**  
**COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PDE**  
**PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE**  
**PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Título:	Arte, Cultura e Sociedade: diálogos e inter-relações – A Indústria Cultural e a Arte
Autor:	Inês Furtado
Disciplina/Área:	Arte
Escola de Implementação do Projeto e sua localização:	Colégio Estadual Amâncio Moro - EFMNP
Município da escola:	Corbélia - Pr
Núcleo Regional de Educação:	Cascavel
Professor-Orientador:	Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck
Instituição de Ensino Superior:	UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Relação Interdisciplinar:	Filosofia e Sociologia
Resumo:	<p>O presente Projeto de Intervenção Pedagógica tem como proposta pesquisar e analisar a prática da produção em série e do consumo da Arte transformada em mercadoria pela Indústria Cultural, já que a Arte também se submete às regras do mercado capitalista. Da mesma forma, buscamos promover reflexões sobre como essa influência manipula a sociedade e interfere na aceitação e na compreensão do que é Arte. Portanto, esse estudo tem como objetivo proporcionar a apreensão da realidade e levar o aluno à conquista de uma conscientização sobre o seu poder de escolha para deixar de ser mero reproduzidor. Isso pode levá-lo, também, a uma emancipação na busca efetiva de nossa própria cultura sem nos deixar enganar pelos modismos. Para a efetivação dos objetivos, no encaminhamento, procuramos considerar os três momentos de organização</p>

	metodológica do ensino da arte: a teoria, a percepção e o trabalho artístico. Sempre ancorados em estudos como os de Adorno (1985), Coelho (1986), Benjamin (2014) e Eco (1993), entre outros, acreditamos que seja possível que o aluno, assim, encontre sentido nas suas produções e nas produções da humanidade, na valorização e na compreensão da Arte nas suas incontáveis possibilidades de percepção, de fruição e de criação.
Palavras-chave:	Arte e Educação; Indústria cultural; Arte e identidade.
Formato do Material Didático:	Unidade Didática
Público:	As atividades serão realizadas com os alunos do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Amâncio Moro, no Município de Corbélia.

## **Produção Didático Pedagógica: Unidade Didática**

### **Arte, Cultura e Sociedade: diálogos e inter-relações – A Indústria Cultural e a Arte**

#### **Apresentação**

Esta Produção Didático Pedagógica, em forma de Unidade Didática, tem por finalidade nortear as ações docentes na implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica, com o título “**Arte, Cultura e Sociedade: diálogos e inter-relações – A Indústria Cultural e a Arte**”. Nela serão abordados a metodologia e os conteúdos propostos pelo projeto, que dialoga com as disciplinas de Filosofia e Sociologia, podendo, assim, ser trabalhado de forma interdisciplinar. A implementação será realizada com os alunos do 2º ano do

Ensino Médio do Colégio Estadual Amâncio Moro durante as aulas de Arte no 1º semestre de 2017, com carga horária de 32 horas.

A Unidade Didática foi elaborada a partir de pesquisa de referencial teórico sobre a Indústria Cultural e sua relação com a arte e seu ensino. Na escola observamos a necessidade de trabalhar com esse tema, pois existe a falta de uma reflexão mais aprofundada, com o foco nos objetos artísticos e na sua veiculação pelas mídias, na busca de entender esse sistema como uma cultura formadora de opiniões e estereótipos, muitas vezes manipuladora e padronizada. Constatamos, nesse contexto, que grande parte dos alunos, assim como a população em geral, tem acesso somente às mídias mais populares e se habitua aos produtos apresentados por ela. Como resultado dessa situação, os sujeitos apresentam certa resistência em conhecer e valorizar outras formas artísticas, como a Arte Popular ou, ainda, a própria Arte Erudita. Isso acaba por limitar o que veem, o que ouvem e o que consomem.

Portanto, esse estudo tem como finalidade trabalhar com essa questão na escola, a fim de proporcionar a apreensão da realidade e levar o aluno à conquista de uma conscientização sobre o seu poder de escolha e deixar de ser mero reproduzidor. Isso pode levá-lo, também, a uma emancipação na busca efetiva de nossa própria cultura sem nos deixar enganar pelos modismos. Acreditamos que seja possível que o aluno, assim, encontre sentido nas suas produções e nas produções da humanidade, na valorização e na compreensão da Arte nas suas incontáveis possibilidades de percepção, de fruição, de criação.

Frente à situação anteriormente exposta sobre a atuação da mídia na veiculação de produtos culturais, questionamo-nos de que maneira a arte é usada pela Indústria Cultural como forma de padronização do pensamento e do comportamento humano, influenciando na sua produção e consumo? Essa questão nos parece vital para o ensino de Arte na escola. A Indústria Cultural, além de ser a forma de contato com a arte mais presente na sociedade em que vivemos, exerce uma série de influências no comportamento e nos valores de quem os absorve. É, portanto, importante que o aluno tenha conhecimento das questões ideológicas presentes nesse sistema para que, assim, possa tornar-se consciente e crítico quanto à sua concepção de cultura.

### **Objetivo geral**

Compreender a Arte nas mídias, sua função social e ideológica de veiculação e consumo, promovendo o debate e a reflexão sobre a influência da Indústria Cultural nas nossas vidas, em busca de uma visão mais crítica acerca da realidade.

### **Objetivos específicos**

Compreender como as formas artísticas são veiculadas nas mídias mais populares, pesquisando e apreciando propagandas (imagens e audiovisuais) e vídeos, para analisar as formas e modelos mais frequentes de veiculação;

Compreender a função social e ideológica de veiculação e consumo, com o estudo de textos e letras de músicas, a fim de refletir sobre o consumismo;

Promover o debate e a reflexão sobre a influência da Indústria Cultural nas nossas vidas, partindo de exemplos cotidianos vivenciados pelos alunos, para que possam perceber-se como participantes desse sistema;

Compreender a relação entre as Artes Visuais e a Indústria Cultural, estudando a Pop Art e a reprodutibilidade de obras de arte a partir do estudo de técnicas de gravura para que o aluno possa ter a experiência com a criação artística;

Propiciar aos alunos um espaço no qual possam refletir e ser críticos sobre a influência da mídia e o processo de massificação presente no nosso comportamento, refletindo e discutindo sobre a relação entre cultura de massa, consumo e sociedade para adquirir uma consciência mais crítica sobre o valor da Arte e a sua relação com a Indústria de consumo.

### **Fundamentação Teórica**

Segundo as DCE – Diretrizes Curriculares Estaduais – Arte, (2008, p. 52) é objetivo do ensino da arte a aquisição de “conhecimento sobre a diversidade de pensamento e de criação artística”, para que a capacidade de

criação do aluno possa ser ampliada, bem como a sua capacidade de pensar criticamente se desenvolva.

Para tanto, é necessário que se busque compreender a arte a partir do entendimento dos campos conceituais de estudo sobre ela: a Arte como Conhecimento Estético e como Conhecimento da Produção Artística. (DCE, 2008, p. 53).

Desse modo, segundo o documento norteador do ensino de Arte na escola (2008, p. 52-54), o conceito do conhecimento estético se relaciona ao sensível e ao cognitivo: o objeto artístico é resultante da reflexão sobre a sensibilidade e o próprio fenômeno artístico, sendo, assim, necessária a compreensão dos conteúdos históricos e sociais onde a arte acontece. O conceito do conhecimento da produção artística se relaciona à criação e a todo seu processo: o artista deve ser compreendido como parte da obra. Isso implica em sua história social, suas condições para a produção da obra, seu nível de conhecimento técnico, seu saber científico e também a maneira como essa obra chega até o público, incluindo a sua forma de contato e as suas características.

Dessa maneira, os conteúdos trabalhados nas aulas de Arte devem ser pensados de forma crítica para possibilitar ao aluno perceber as manifestações artísticas em suas “múltiplas dimensões cognitivas” (DCE, 2008, p. 54) e, do mesmo modo, dar-se conta da realidade em que vive e fazer relações entre a sua vida e as representações da Arte.

O ensino da Arte na escola deve ser abordado a partir das concepções de Arte, no campo das teorias críticas, fundamentadas nas relações históricas entre Arte e sociedade: a Arte é entendida, conforme exposto nas Diretrizes Curriculares de Arte (2008, p. 54-62), como conhecimento, como trabalho criador e como ideologia. Arte é conhecimento, pois trabalha com os sentidos humanos e expressa a realidade de quem a cria, o seu contexto histórico e social. Nesse sentido,

[...] como conhecimento da realidade, a arte pode revelar aspectos do real, não em sua objetividade – o que constitui tarefa específica da ciência -, mas em sua relação com a individualidade humana. Assim, a existência humana é o objeto específico da arte, ainda que nem sempre o homem seja objeto da representação artística. (DCE-Arte, 2008, p. 57).

Desse modo, a Arte apresenta uma visão específica de mundo. Essa se constrói socialmente, sendo o artista seu protagonista, bem como o seu público, que apreende a percepção da obra de arte.

Arte é trabalho criador, pois resulta da ação do homem sobre a natureza. O ser humano se constrói como ser histórico e social, produz sua existência. A Arte é parte dessa construção, pois significa uma ação, com o objetivo de dar forma e significado às matérias, aos objetos, portanto, criação.

Arte é ideologia (DCE, 2008, p. 58), pois “ela é sempre produto de uma situação histórica e de um tipo de sociedade; está presente em todas as maneiras de agir, pensar e se comportar, nas relações dos homens entre si e com a natureza. ” O artista que a produz é parte dessa sociedade, nas suas diversas atividades, sejam elas políticas, religiosas ou econômicas. O artista é um ser social, por isso, não é indiferente àquilo em que acredita e que vive.

A Arte, portanto, não é “neutra”, ela é criada em relação ao todo, ao contexto social, econômico, político e cultural. Ela pode criar uma nova realidade ou interferir de forma expressiva em nossas vidas. Nas DCE, (2008, p. 59), vemos que

[...] a arte desempenha também, uma função ideológica e pode se tornar elemento de imposição de modos de ser, pensar e agir hegemônicos, pois pela mídia em geral (TVs, jornais, rádios, grandes editoras, empresas de marketing e produtoras e distribuidoras de filmes, vídeos, etc.) alcança quase toda a população do país. Por isso, é fundamental levar ao conhecimento dos alunos as três principais formas de como a arte é produzida e disseminada na sociedade contemporânea.

Os três sistemas de Arte devem ser abordados na escola. Porém, observamos que a Arte Erudita (conhecida como grande arte e difundida principalmente em museus, teatros, galerias, salões de arte, entre outros; e legitimada pelos críticos de arte) é a que mais se estuda na escola, em detrimento dos outros dois: a Arte popular e a Indústria Cultural.

A Arte popular, como descrito nas DCE – Arte (2008, p. 59) “é produzida e vivenciada pela classe trabalhadora, por grupos sociais (menos favorecidos) e étnicos, e compõe o espaço de sociabilidade que constitui a identidade dessa classe e desses grupos. ”

A Indústria Cultural, ou também chamada de cultura de massa, é a que produz e difunde formas artísticas em série. Veiculada pelas mídias, transforma a Arte em mercadoria, dá pouca importância à qualidade e se preocupa, basicamente, em gerar lucros. Ela também define padrões de pensamento e conduta com as ideias e produtos veiculados por seu meio.

Ao falar em Arte, Cultura de Massa, Indústria Cultural, pensamos sobre as suas funções e como elas se transformam ao longo do tempo. Ernest Fischer, em seu livro *A necessidade da Arte* (2002), chama a nossa atenção a essa função atual que a Arte desempenha na sociedade capitalista contemporânea, e como a industrialização afirmou a necessidade de uma arte que represente as novas realidades. De acordo com seu pensamento, “a sociedade industrializada, contudo, precisa de gente que saiba ler e escrever. O conhecimento desenvolve-se juntamente com a indústria.” (FISCHER, 2002, p. 233).

Quando estudamos a indústria cultural, questões importantes vêm à tona: Quais são os malefícios e os benefícios dessa indústria para a formação humana? A Indústria cultural é boa ou é má? Quais as relações que podemos estabelecer entre os meios de comunicação, a cultura de massas e a sociedade? Como discriminar os produtos oferecidos para o consumo? Como aproveitar positivamente as mensagens emitidas?

Ao pensar nessas questões, partimos para o estudo sobre a Indústria Cultural com base em autores que tratam do tema, principalmente os filósofos da Escola de Frankfurt: Adorno (1985; 2002), Horkheimer (1985) e Benjamim (2014), além de outros importantes pensadores como Eco (1993) e Coelho (1986).

A partir da industrialização propiciada pela Revolução Industrial, no século XVIII, e acentuada na segunda metade do século XIX, a Indústria Cultural e os meios de comunicação intensificam uma economia de mercado voltada para o consumo cada vez maior de bens culturais. Resultante, então, da industrialização surge junto com os jornais, os folhetins, o teatro de revista, a opereta, o cartaz, entre outros, e a principal característica desse sistema de Arte é que ela não é feita por aqueles que a consomem. Ou seja, uma cultura produzida para o povo e não pelo povo. Nas palavras de Coelho (1986, p. 10),

[...] é esta, através das alterações que produz no modo de produção e na forma do trabalho humano, que determina um tipo particular de indústria (a cultural) e de cultura (a de massa), implantando numa e noutra os mesmos princípios em vigor na produção econômica em geral: o uso crescente da máquina e a submissão do ritmo humano de trabalho ao ritmo da máquina; a exploração do trabalhador; a divisão do trabalho. Estes são alguns dos traços marcantes da sociedade capitalista liberal, onde é nítida a oposição de classes e em cujo interior começa a surgir a cultura de massa.

O autor destaca, ainda, dois aspectos importantes desse processo: a reificação (a coisificação) e a alienação. Onde “a coisa, o bem, o produto, a propriedade” (COELHO, 1986, p. 11) e, conseqüentemente, o próprio homem, que coisificado, se aliena, pelo valor que troca pelo seu trabalho. Valor esse que é inferior ao que produz e, assim, aliena-se de seus projetos de vida, pois não dispõe, ou pouco dispõe de tempo ou conhecimentos teóricos que possam permitir-lhe uma visão mais crítica de si mesmo e da sociedade em que vive.

A cultura industrializada, produzida em série, torna-se um produto de consumo padronizado para um público que consome sem nenhum tipo de questionamento, crítica ou conhecimento. Esta cultura representa e propõe, muitas vezes, situações sem nenhuma conexão com a realidade, mas que acabam se tornando modelos a serem vivenciados ou sonhados pelos homens.

A Indústria Cultural apresenta necessidades que podem ser satisfeitas, organizadas antecipadamente, para que o consumidor acredite que sejam necessidades reais e, desse modo, ele busca realizar-se com essa oferta sem discordar ou questionar sobre a sua real necessidade de consumir o que lhe é oferecido.

A Indústria Cultural surge da sociedade industrial, a sociedade de consumo e também da ideia da existência de uma oposição entre uma cultura considerada superior e a cultura de massa. Na visão de Coelho (1986, p. 30), esta dicotomia é um equívoco que provoca uma superficialidade à visão crítica, pois

[...] a indústria cultural pode ser abordada também sob o aspecto das funções exercidas por seu produto, a cultura de massa. Do lado das funções negativas, cita-se uma tendência para a produção da alienação do homem através do reforço de normas sociais não discutidas, do encorajamento do conformismo social e da marginalização do debate sobre as questões vitais da sociedade. Do lado das funções positivas,

menciona-se o dinamismo próprio das culturas de massa, capaz de gerar efeitos sociais além dos previstos; e, ainda, que a indústria cultural não combate a cultura superior e a popular, criando apenas uma nova forma cultural capaz de complementar as tradicionais.

Umberto Eco, em seu livro *Apocalípticos e integrados* (1993), analisa os aspectos positivos e negativos da chamada cultura de massa e apresenta a visão daqueles que a criticam e daqueles que a defendem, como sugere o título: as críticas (apocalípticos) apresentadas a esse sistema consistem, principalmente, na destruição das características culturais próprias de determinadas sociedades, uma vez que trata o público, que é heterogêneo, de forma homogênea. Ela cria, assim, uma “média de gosto”, apresenta uma função mais conservadora, entrega ao público emoções e simbolismos já prontos, determinados. Além da ação persuasiva da publicidade e de valores que são impostos “de cima”.

Nessa percepção, ela causa, assim, uma visão passiva e acrítica do mundo, vicia atitudes, cria estereótipos, preconceitos, conformismo, controle da consciência e distorção de valores sociais. Enfim, passa a ideia que “todos têm acesso à cultura” (1993, p. 43), pensamento que gera, desse modo, uma falsa sensação de igualdade.

Quanto aos aspectos considerados positivos (integrados), analisados por Eco, podemos citar a visão de que essa cultura proporciona acesso à informação, aos conhecimentos históricos e a diversos bens culturais. Além de proporcionar ao cidadão se ver como participante da sociedade. O autor também cita a visão de que a homogeneização do gosto contribui para eliminar as diferenças e unificar as sensibilidades. Ele destaca, ainda, a questão do acesso às obras de arte e o acesso ao entretenimento.

Coelho (1986) cita as ideias de Adorno (1985) e de Horkheimer (1985), que afirmam que a Indústria desempenha funções semelhantes às do estado fascista, pois promove a alienação na base do totalitarismo. Nesse sistema, o homem, ao não pensar sobre si e sobre a sociedade, torna-se, pois, também, um produto desse mesmo sistema que o envolve e aliena. Em contraposição, apresenta, ainda, a ideia de que a Indústria Cultural é um “processo democratizador” (1986, p. 33) da cultura e essa combateria a alienação.

Mas, afinal, a Indústria Cultural aliena ou revela? Coelho (1986) tenta entender como a alienação dos meios de comunicação acontece, analisa a existência de dois aspectos que devem ser considerados para a melhor compreensão da questão: a análise do “conteúdo” que é apresentado e a análise “estrutural”.

Quanto ao conteúdo, esse poderia ser classificado conforme sua mensagem (alienante, revelador), porém é subjetivo, pois o que é bom, segundo certa ideologia, pode ser mau para a ideologia de outrem.

Quanto à análise estrutural, destaca-se que os produtos carregam consigo as ideologias e regras sociais, os vestígios do sistema que o criou. No caso, a ideologia do capitalismo. Como a Indústria Cultural se intensifica no século XIX, no capitalismo, e atinge seu auge com o capitalismo monopolista, todos os veículos da Indústria Cultural trazem consigo a ideologia capitalista: e toda aquela que caracteriza, portanto, os traços da reificação e da alienação.

Outro aspecto a ser analisado é a busca pelo prazer. Que seria algo consumista, adepto da ideologia burguesa, portanto, reacionária: sendo que essa busca pelo prazer é reforçada pelos produtos da Indústria Cultural. Para os teóricos da escola de Frankfurt, a Indústria Cultural permitiria apenas um “falso prazer”, mas para Coelho (1986, p. 41), prazer também é conhecimento e é necessário à superação da ideia de que se precisa combater o prazer. Fischer (2002, p. 233) nos lembra de que os produtores têm como meta obter lucro na demanda por entretenimento. Por isso, utiliza-se da reprodução mecânica de várias formas artísticas a fim de concretizar seus objetivos.

Para Fischer (2002, p. 236), o gosto artístico do público das massas ainda está em formação, precisa se desenvolver (educação gradual das massas), e que a grande tarefa da sociedade socialista seria a educação do público para a elevação de apreciação e fruição e responsabilidade social do artista, frente as suas produções.

## **Orientações metodológicas**

A Implementação do Projeto na escola, acontecerá nas turmas do 2º ano do Ensino Médio, com carga horária de 32 horas:

Para a efetivação dos objetivos propostos, no encaminhamento, procuramos considerar os três momentos de organização metodológica do ensino da arte: a teoria, a percepção e o trabalho artístico. Conforme apresentados pela DCE-Arte (2008, p. 69-73)

- Teorizar: conteúdo contextualizado para que a percepção e a apropriação aconteçam, bem como a compreensão da obra de arte como conhecimento humano;
- Sentir e perceber: a apreciação, a fruição, a leitura e o acesso à obra de arte, para a apropriação dos conhecimentos artísticos;
- Trabalho artístico: a prática artística, exercício da imaginação e da criação, o trabalho criador.

Os encaminhamentos das atividades propostas buscam a compreensão dos conceitos e a relação que os alunos possam fazer com os seus conhecimentos prévios e cotidianos.

As sugestões de atividades devem ser flexibilizadas, levando em consideração as características dos alunos.

Para todas as aulas serão necessários vários recursos, como: multimídia (som, vídeo e imagens), laptop, projetor, tv pendrive, laboratório de informática, livros, imagens, materiais artísticos variados.

## **Atividades**

### **1ª atividade: Apresentação do Projeto de Intervenção Pedagógica para os alunos. (2 aulas)**

Como primeira atividade, faremos a apresentação aos alunos da proposta, explicando o processo de construção do Projeto de Intervenção Pedagógica, bem como o seu objetivo geral: Compreender a Arte nas mídias, sua função social e ideológica de veiculação e consumo, promovendo o debate e a reflexão sobre a influência da Indústria Cultural nas nossas vidas, em busca de uma visão mais crítica acerca da realidade.

Nesse momento, também é importante fazer questionamentos orais sobre os conhecimentos prévios dos alunos acerca dos assuntos que serão trabalhados e fazer o registro das suas observações acerca do tema. Estas observações são fundamentais para que possamos dar um encaminhamento significativo para a proposta de estudo.

## **2ª atividade Apresentação dos conceitos de Cultura e dos Sistemas de Arte: (2 aulas)**

Nessa atividade é importante apresentar aos alunos os conceitos de Cultura, Arte Erudita; Arte Popular e Indústria Cultural ou Cultura de Massa, para que eles possam ter clareza dos termos e conceitos que serão utilizados durante todo o processo de estudo. Esses conceitos serão trabalhados com o aprofundamento necessário observado nas considerações apontadas pelos alunos na primeira atividade.

### Texto I

#### **O que é Cultura**

O autor e professor de antropologia Jose Luiz dos Santos, no seu livro *O que é cultura* (2006), discorre a respeito da utilização do termo e suas relações histórico sociais. Para ele o termo Cultura “diz respeito a humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. ” (SANTOS,2006, p. 7).

A cultura engloba as práticas, os costumes, as concepções e as transformações das sociedades. Cada cultura resulta da sua história e de como se relaciona com as outras culturas. Tudo o que caracteriza uma sociedade, uma população humana é cultura. Segundo o autor, há duas concepções vigentes de cultura: A concepção de cultura que remete a todos os aspectos de uma realidade social (totalidade das características, maneiras de conceber e organizar a vida social e seus aspectos materiais), e a concepção que se refere mais especificamente ao conhecimento, à ideias e crenças que um povo, sociedade, nação ou grupo social tem da realidade e a maneira como se expressam.

### Texto II

#### **Sistemas de Arte**

**Arte Erudita:** “É ensinada, difundida e consagrada nos cursos de graduação como a grande arte, [...]. Sua principal forma de divulgação e distribuição são museus, teatros, galerias, salões de arte, bienais, etc. Legitima-se por meio dos críticos de arte e da circulação pela venda de suas obras a uma elite financeira. ” (DCE-Arte, 2008, p. 59).

**Arte Popular:** “É produzida e vivenciada pela classe trabalhadora, por grupos sociais (menos favorecidos) e étnicos, e compõe o espaço de sociabilidade que constitui a identidade dessa classe e desses grupos. ” (DCE-Arte, 2008, p. 59).

**Indústria Cultural:** Também conhecida como Cultura de massa. “É ela responsável pela produção e difusão em larga escala de formas artísticas pela grande mídia. É através dela que a arte é transformada em mercadoria para o consumo de um grande número de pessoas.” (DCE – Arte, 2008, p. 59).

O professor, para exemplificar, pode usar algumas imagens para cada sistema de Arte e, ainda, solicitar aos alunos que apresentem outros exemplos que conhecem ou vivenciem no seu cotidiano.

Nesse momento é interessante um diálogo com os professores de Filosofia e Sociologia para o aprofundamento do conceito de Indústria Cultural e sobre os estudos apresentados pela Escola de Frankfurt, em especial os de Adorno e Horkheimer, que contribuíram para o entendimento do conceito de Indústria Cultural.

A partir dessa aula, solicitar também aos estudantes que façam registros das dúvidas e conhecimentos adquiridos ao longo das próximas aulas, para que, posteriormente, possam ser consultados e utilizados para a sistematização da aprendizagem.

### **3ª atividade: Apreciação e análise da música “Televisão”, da banda Titãs.** (2 aulas)

Essa atividade tem por objetivo refletir, debater e compreender a função social e ideológica de veiculação e consumo e a influência da Indústria Cultural nas nossas vidas. Assim, apresentaremos aos alunos a música “Televisão”, de 1985, da banda Titãs (composta por Marcelo Frommer, Toni Belloto e Arnaldo Antunes), que trata sobre a influência da televisão na vida das pessoas.

**a)** Inicialmente podemos questionar os alunos, quanto à importância que a televisão tem na sua vida, sobre quais os seus programas favoritos, e, na opinião deles, qual é o nível de enriquecimento intelectual que esses programas proporcionam. Podemos ainda, apresentar o significado da palavra televisão, que vem da combinação dos termos tele (do grego: distante) e visione (do latim, visão), significa ver à distância.

**b)** Em seguida, partimos para a análise da letra da música, estimulando os alunos a refletirem sobre a mensagem que ela transmite: Refletir sobre qual a visão expressa na letra quanto: à vida, ao estudo (conhecimento), ao trabalho e aos relacionamentos.

Podemos perguntar aos alunos quais partes ou frases lhe chamaram mais a atenção e analisá-las separadamente ou seguir a sequência da letra, lendo-a na sua continuidade. Para isso, seria interessante que cada aluno tivesse acesso à letra da canção.

A seguir apresento uma possível sequência para as reflexões:

- Na passagem: “A televisão me deixou, muito burro, demais”, é feita uma comparação do sujeito (Eu) a um burro. Qual é referência que se faz ao animal?

- Na frase “Agora todas as coisas que eu penso me parecem iguais”, por que tudo parece igual ao sujeito? Há semelhanças e repetições na programação televisiva? Solicite aos alunos exemplos.

- No trecho “E agora toda noite quando eu deito é boa noite, querida” Como é a relação pessoal com a “querida”? De que forma foi afetada? A televisão pode limitar o diálogo familiar?

- Na música, o sujeito se refere ao sorvete que lhe “deixou gripado pelo resto da vida”. O que simboliza o sorvete? Qual a relação que pode ser feita com as informações passadas pela televisão?

- Na passagem: “Ô Cride! Fala pra mãe”, verificar se os alunos conhecem esse bordão. Questionar sobre o que é um bordão? Explicar que esse era famoso na época e que foi criado pelo humorista Ronald Golias, como forma de alerta, aviso. Cride era um amigo de infância do humorista. O bordão citado contém a ideia de chamar a atenção ou alertar para algo. No caso da canção, questionar os alunos sobre o que a mãe precisa ser avisada?

- Estimular os alunos a efetuar a comparação da televisão com um livro (informação e conhecimentos verdadeiros), segundo as menções que aparecem na canção.

- Ainda, pode-se chamar a atenção dos alunos sobre a atitude de passividade do sujeito quanto a sua situação em relação à televisão, pedindo para que citem em que parte da música isto se evidencia.

- Na passagem “A luz do sol me incomoda, então deixa a cortina fechada”, podemos relacionar a luz do sol ao conhecimento. O conhecimento incomoda, dá trabalho? Como é o ambiente do cinema ou da sala para assistir? Por quê? Podemos comentar a alusão à mente “escura”, pois a ideia expressa é que o sujeito não quer ver nada além da escuridão.

- Na frase, “E agora eu vivo dentro dessa jaula junto dos animais”, passa a ideia da sensação de estar preso, acuado. Por que o sujeito se sente assim? O que significa estar enjaulado?

- “Que tudo que a antena captar, meu coração captura”. O telespectador pode ser capturado pela televisão? Quais são as estratégias da programação televisiva para manter sua audiência?

E, ainda, podemos refletir sobre a atualidade, questionando nossos alunos se, nos dias de hoje a internet assume o papel da televisão descrito pela música, e de que forma isso acontece.

As observações mais relevantes feitas durante a análise da letra da canção devem ser registradas pelos alunos.

Link do vídeo da música:

<https://www.youtube.com/watch?v=UCiENaCmq00> Acesso em: 22 set. 2016.

c) Podemos sugerir aos alunos que pesquisem outras músicas que podem ser relacionadas ao tema do estudo. Por exemplo, a canção “A melhor banda de todos os tempos da última semana”, Titãs, 2001. Essa música faz uma crítica à influência midiática, à fama repentina e às influências culturais. Com a análise da mesma, pode-se refletir sobre os motivos que levam as pessoas a se submetem a “tudo pela fama” e por que as pessoas se interessam tanto pela vida dos “famosos”. Link da música:

<https://www.youtube.com/watch?v=jdSs3Symlok> Acesso em: 29 set. 2016.

Para aprofundar o entendimento de como somos influenciados pela programação midiática, sugerimos a leitura do Artigo de Emilio Figueira, sobre os aspectos psicológicos da TV. Disponível em:

[www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=688](http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=688) Acesso em: 29 set. 2016.

#### **4ª atividade: Apreciação e análise de vídeos sobre a Indústria Cultural para reflexões e debate sobre o tema: (2 aulas)**

Nessa atividade serão apresentados aos alunos vídeos de animação, com o objetivo de refletir e discutir sobre a Indústria Cultural e o consumismo.

a) Apreciação do vídeo “Meow! – Sociedade de Consumo”. O vídeo é um curta de animação, de Marcos Magalhães, de 1981. Produção: Imbrafilme, duração 07min25s. O vídeo sobre um gato esfomeado, vítima da globalização, discute sobre a questão da invasão da cultura norte-americana na sociedade brasileira.

Os alunos podem ser questionados sobre de que forma a cultura norte-americana está presente nos produtos que consumimos diariamente, na moda, na música, nos filmes, nos costumes e até mesmo em nossas formas de pensar e agir. Link do vídeo:

<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=6203> Acesso em: 28 set. 2016.

**b)** Apreciação do vídeo “Indústria Cultural” de 2006, que apresenta uma breve interpretação sobre a influência da mídia e da Indústria sobre a cultura de um modo geral, tomando como exemplo a obra “Monalisa” de Leonardo Da Vinci, 1503. Acreditando que os nossos alunos já conhecem a obra, podemos propor uma discussão acerca das características da obra que a consagraram como a pintura mais famosa do mundo. Solicitar que citem outros exemplos de obras de arte bem conhecidas e refletir sobre a divulgação e o mercado da arte. Link do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=OcsQP8uLQkc> Acesso em: 28 set. 2016.

**c)** Apreciação do vídeo “Man”, Roteiro e Direção: Steve Cutts, 2012, Inglaterra. Duração: 3 min. Essa animação faz uma crítica ao ser humano e ao seu posicionamento de superioridade diante dos demais seres vivos do planeta, bem como a atuação das indústrias que usam de práticas não sustentáveis em prol do consumismo e do lucro. Podemos estabelecer uma relação do consumismo com a questão da degradação ambiental, da exploração animal e do descarte do lixo. Essa produção nos leva a refletir sobre a evolução das sociedades, que destroem o mundo, motivadas pelo sistema capitalista e pela busca constante de ter cada vez mais dinheiro, causando a extinção dos recursos naturais. Link do vídeo:

[https://www.youtube.com/watch?v=5XqfNmML\\_V4](https://www.youtube.com/watch?v=5XqfNmML_V4) Acesso em: 28 set. 2016.

Sugerimos aos alunos que também façam os devidos registros das observações e análises realizadas.

### **5.ª atividade: Pesquisa sobre os meios de comunicação de massa (4 aulas)**

Nessa atividade os alunos serão encaminhados para a realização de pesquisas na internet sobre os meios de comunicação de massa. Portanto, é importante organizar os grupos de trabalho e direcioná-los na sua pesquisa.

Cada grupo fará a pesquisa de dados sobre um meio de comunicação: correspondência, telefone, rádio, televisão, revistas, jornais impressos, publicidade, internet, redes sociais de comunicação instantânea. É importante orientá-los sobre as fontes confiáveis de pesquisa. Também se devem estabelecer critérios de pesquisas para que mantenham o foco, porém, sem limitá-los na busca de novos conhecimentos referentes ao assunto estudado. Após a realização da pesquisa, os alunos serão orientados quanto à organização de uma forma de apresentação que pode ser por meio de slides, vídeos, cartazes ou outros recursos disponíveis na escola. A partir dos resultados das pesquisas, e dependendo das descobertas dos alunos, é possível organizar um painel de exposição para a socialização dos conhecimentos adquiridos.

#### **6.ª atividade: Apreciação e análise da música “3º do plural”, da banda Engenheiros do Hawaii (2 aulas)**

Nessa atividade analisaremos a música “3ª do plural”, da banda Engenheiros do Hawaii, composição de Humberto Gessinger, 2002, Álbum: Surfando Karmas & DNA. Que trata sobre o tema Indústria Cultural e consumismo, levando-nos a pensar sobre quem produz e administra o sistema de consumo. Nela também se apresenta uma crítica à publicidade, ao sistema capitalista e ao consumo desenfreado. Para isso, é necessário que os alunos tenham em mãos a letra da canção. O professor pode executar o áudio ou o vídeo, disponíveis nos links abaixo:

Versão acústica com letra:

<https://www.youtube.com/watch?v=ljsWuWuyaiE&list=RDljsWuWuyaiE#t=24> Acesso em: 03 out. 2016.

Versão original com letra:

<https://www.vagalume.com.br/engenheiros-do-hawaii/3-do-plural.html> Acesso em: 03 out. 2016.

**a)** A análise da canção pode ser feita a partir de alguns questionamentos, mas o professor pode encontrar outras formas de encaminhar a atividade:

- No refrão somos questionados: “Quem são eles? Quem eles pensam que são?”. Na percepção dos alunos, a quem o compositor se refere? Quem são as

pessoas que produzem, manipulam e administram o sistema de consumo e os meios de comunicação?

- A música apresenta uma sequência lógica imposta pelo capitalismo publicitário. Podemos observar isso na seguinte passagem:

“Cabeça pra usar boné e professar a fé de quem patrocina”. A que essa frase da canção nos remete? Qual o valor que se dá ao intelecto do consumidor e as marcas que são amplamente divulgadas pelas propagandas e produtos? Pensando nisso o consumidor também pode ser considerado um produto? Em que outras partes da canção podemos observar uma sequência semelhante?

- No trecho “corrida contra o relógio, silicone contra a gravidade, ...”, o compositor nos remete à ideia do consumismo fútil dos tempos atuais, tanto no que diz respeito a nossa aparência e medo de envelhecer como na busca desenfreada por dinheiro.

- A passagem: “Quem mente antes diz a verdade” nos leva a pensar a respeito da velocidade das informações atuais, e de como essas informações acabam se tornando padrões tidos como verdades.

- “Satisfação garantida, obsolescência programada, eles ganham a partida antes mesmo da largada”. Nessa passagem, analisamos como a falta de conhecimento das pessoas sobre o valor real das coisas pode levá-las a consumir mais. Obsolescência programada, diz respeito à vida útil dos produtos, que são feitos para serem descartáveis, criando em nós o desejo de compras contínuas, muitas vezes de produtos de lançamentos, na busca de nos enquadrar em padrões e em grupos.

“Vender, comprar, vender os olhos. Jogar a rede... contra a parede. Querem te deixar com sede, não querem te deixar pensar”. As pessoas cegam, são enganadas, na busca pela felicidade. Podemos refletir: se tivermos conhecimento, consumiremos menos e colocaremos em xeque o sistema capitalista.

Sobre a passagem: “Eles querem te vender, eles querem te comprar”, pode-se perguntar: Os valores e os ideais humanos podem ser comercializados?

Os alunos devem fazer seus registros sobre as impressões, as dúvidas, outras relações que podem ser observadas.

Podemos sugerir aos alunos que pesquisem outras músicas que tratem do nosso tema de estudo. Como por exemplo, “O papa é pop”, da banda

Engenheiros do Hawaii, de 1990, álbum do mesmo nome. Essa canção apresenta uma crítica à indústria das celebridades, ao sensacionalismo das notícias, à busca da fama a qualquer custo, à efemeridade das notícias e celebridades.

Para saber mais sobre a Obsolescência programada (programação da vida útil dos produtos, tornando-os descartáveis), assista ao vídeo disponível no link:

<https://www.youtube.com/watch?v=VkJPScfQG-Y8> Acesso em: 29 set. 2016.

### **7ª atividade: Consumismo na arte: análise de propagandas que utilizam obras de arte (4 aulas)**

Nessa atividade, propomos a apreciação e a análise de obras publicitárias em imagem e vídeo, com imagens de propagandas publicitárias que se apropriam de obras de arte, a fim de compreender como as Artes Visuais são veiculadas nas mídias, analisando as suas formas e modelos frequentes. Os alunos serão estimulados à percepção, à reflexão e ao questionamento diante imagens apresentadas.

**a)** Muitas campanhas publicitárias usam obras de arte para produzir as suas propagandas. Apreciação e análise das imagens: O que veem. A qual a obra de arte a propaganda faz referência. De que forma a apropriação foi feita e quais as semelhanças e diferenças com a obra original. Observação dos elementos formais e compositivos. Quais materiais foram utilizados. A que público se destina a propaganda. Qual a mensagem transmitida. E se é possível perceber se há mecanismos de padronização e homogeneização de gosto. Link com as imagens:

[https://drive.google.com/drive/folders/0B\\_TvKv2FIqX3ctTk1WZ0duTWs](https://drive.google.com/drive/folders/0B_TvKv2FIqX3ctTk1WZ0duTWs) Acesso em: 04 out. 2016.

**b)** Apreciação do Vídeo de uma propaganda publicitária do Sabonete Vinólia. Apresenta imagens com apropriações da obra renascentista de Sandro Botticelli “O nascimento de Vênus” e “A primavera”. Produção Bossa Nova Films. Duração 46s. Nessa atividade os alunos irão analisar de que forma a apropriação foi feita. Link da propaganda:

<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=6261> Acesso em: 03 out. 2016.

Outros links com exemplos do uso da Arte na publicidade que podem ser apresentados aos alunos para a ampliação das referências para a atividade de prática artística:

- Arte na publicidade I

<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=6264> Acesso em:

- A história da propaganda

<https://www.youtube.com/watch?v=RLngdATFt98> Acesso em: 03 out. 2016.

- Afinal o que é propaganda?

<https://www.youtube.com/watch?v=rzgrpWnlYQ> Acesso em: 03 out. 2016.

-Estilos de Arte em diferentes tipos de Propaganda

[https://www.youtube.com/watch?v=K\\_1batIHupw](https://www.youtube.com/watch?v=K_1batIHupw) Acesso em: 03 out. 2016.

**c)** Prática artística: Nessa atividade os alunos serão orientados a criar propagandas de novos produtos ou recriar a propaganda para produtos já conhecidos por eles, tendo obras de arte como referências. Para isso serão disponibilizadas várias imagens de obras de arte. Os alunos poderão escolher entre as técnicas de colagem, fotografia ou vídeo para a produção da propaganda. Após a produção, os alunos apresentarão as suas criações aos demais colegas.

### **8ª atividade: Consumismo na arte: Apreciação e leitura de obras de Arte** (2 aulas)

Nessa atividade faremos a apreciação e a leitura de obras de arte que apresentam, como temática, elementos da Indústria Cultural. A leitura de obras de arte trata da apreciação e da apropriação artística e envolve a percepção e a fruição que o aluno pode desenvolver em contato com as obras. Essa leitura pode ser mais aprofundada de acordo com as experiências e conhecimentos do aluno em relação à arte e às suas experiências de vida, buscando estabelecer relações entre a imagem e a realidade do aluno, esperamos que ele, ao apreciar uma obra de arte, possa perceber que, além dos elementos que compõem a imagem (elementos formais e composição), também está presente na obra a visão de mundo e as ideologias dos artistas.

**a)** Obra “Babel”, de Cildo Meireles, 2006. Instalação composta de rádios dispostos em formato de torre com 5m de altura, cada radio sintonizado em uma estação. O título refere-se ao episódio bíblico da Torre de Babel que, conforme a história, seria a causa de todos os conflitos entre agrupamentos humanos. Os aparelhos sintonizados em diferentes estações emitem sons de

várias programações em diversas línguas. A obra reflete sobre a globalização da comunicação e da informação,

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0710200611.htm> Acesso em: 8 out. 2016.

Na proposta de leitura de imagem o professor pode encaminhar a leitura partindo de algumas questões que façam o aluno perceber os aspectos fundamentais da obra apresentada, como, por exemplo, o que veem na imagem? A imagem já é conhecida ou já viram algo semelhante? Quais os elementos formais e compositivos podem ser identificandos e como estão organizados? Quais materiais foram utilizados e qual é a técnica da obra? Qual é a mensagem transmitida pela obra e quais as relações que podemos estabelecer com outras obras, ou com a nossa realidade cotidiana? O que os alunos imaginam que esteja sendo transmitido pelos radios? Os alunos têm o hábito de ouvir radio e que tipo de programação?

O abaixo link mostra o processo de montagem da instalação:

<https://www.youtube.com/watch?v=QmpkMMFCPv8> Acesso em: 08 out. 2016.

**b)** Apresentar a obra “Inserções em circuitos ideológicos – Projeto Coca-Cola”, 1970, de Cildo Meireles. Consiste em interferências em garrafas retornáveis de Coca-Cola, por meio do Silk-screen: “Gravar nas garrafas informações e opiniões cítricas e devolvê-las à circulação”. As frases impressas tinham caráter de contestação política, pois as obras foram criadas no período da ditadura militar no Brasil, e poderiam ser normalmente censuradas na mídia. Estes trabalhos circularam entre as pessoas, superando o modelo mercantilista do objeto de arte e, aproximam a arte do público. Assim, também, com caráter e meios não convencionais se inseriam em uma nova forma de divulgar a produção do artista. Segundo Meireles “as inserções em circuitos ideológicos tinham essa presunção: fazer o caminho inverso ao dos ready-mades. Não mais o objeto industrial colocado no lugar do objeto de arte, mas o objeto de arte atuando no universo industrial”. (Ferreira, 2006, p. 264).

A partir desses conhecimentos acerca da obra apresentada, podemos refletir com os alunos sobre a nova forma de divulgação das obras do artista, que rompe com os modelos tradicionais de divulgação e consumo da arte (galerias, museus, salões, mídias, etc.). Também podemos estimular os alunos a pensar em que mensagens poderiam ser escritas hoje nas garrafas a fim de que

pudessem atingir muitas pessoas, lembrando que o artista se utilizou da sua obra como forma de denúncia das situações vivenciadas na época.

No site é possível conhecer mais sobre as obras

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10593/cildo-meireles> Acesso em: 12 out. 2016.

**c)** Apreciação e leitura da obra “Untitled (I shop therefore I am)”, 1987 da artista norte-americana Barbara Krueger . Disponível no link:

[https://revistausinadotcom.files.wordpress.com/2015/03/img-barbara-kruger\\_104734758083.jpg](https://revistausinadotcom.files.wordpress.com/2015/03/img-barbara-kruger_104734758083.jpg) Acesso em: 12 out. 2016.

A artista cria obras de crítica ao consumismo e ao capitalismo. São fotomontagens em preto e branco com frases de impacto que imitam a propaganda.

Link para conhecer outros trabalhos da artista:

<https://revistausina.com/2015/03/09/barbara-kruger-fotomontagens/> Acesso em: 12 out. 2016.

A partir da observação das obras podemos solicitar aos alunos que descrevam, por exemplo, o que veem na imagem? A imagem já é conhecida ou já viram algo semelhante? Quais os elementos formais e compositivos podem ser identificando e como estão organizados? Quais materiais foram utilizados e qual é a técnica da obra? Qual é a mensagem transmitida pela obra e quais as relações que podemos estabelecer com outras obras, ou com a nossa realidade cotidiana?

**d)** A partir da apreciação e das reflexões acerca das obras apresentadas, encaminhamo-nos para uma proposta de atividade prática coletiva. A linguagem artística a ser utilizada pelos alunos pode ser uma pintura, uma instalação ou outra. O objetivo é criar um trabalho que se relacione com o nosso tema de estudo, a Indústria Cultural, em suas várias possibilidades. Agora os alunos podem recorrer aos registros que foram feitos nas aulas anteriores. É importante estabelecer alguns critérios anteriormente com os estudantes e orientá-los na execução da atividade.

**9ª atividade: Estudo sobre a reprodutibilidade da obra de arte. (2 aulas)**

Nessa atividade estudaremos a reprodutibilidade da obra de Arte, buscando compreender a relação entre a arte e a Indústria Cultural.

**a).** Apreciação e análise do trecho do filme “Sorriso de Monalisa – Vincent Van Gogh”. Esse recorte mostra como a arte de Van Gogh pode ser comercializada e copiada, o que nos leva a refletir sobre o acesso à arte em geral.

**Sinopse:** Katharine Watson é uma professora recém-graduada que consegue emprego no conceituado colégio Wellesley para lecionar aulas de História da arte. Incomodada com o conservadorismo da sociedade e do próprio colégio, decide lutar contra as normas e acaba inspirando suas alunas a enfrentarem os desafios da vida. Nesse trecho, a professora fala sobre Vincent Van Gogh, mostrando reproduções de suas obras. Aborda também a questão da arte para as massas, falando sobre a reprodução em série de pinturas famosas. Mona Lisa Smille. Drama, EUA, 2003, 125min. Diretor: Mike Newwill. Duração do vídeo: 01min49s

<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=6500> Acesso em: 26 out. 2016.

**b)** Leitura do resumo de parte do livro “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”, de Walter Benjamin:

#### **Originalidade e reprodutibilidade da obra de Arte**

Ao longo da história, percebe-se que a arte sempre apresentou um princípio de reprodutibilidade, pois ela foi muitas vezes utilizada como imitação de obras clássicas para estudos, como forma de difundir o trabalho do artista e como falsificação.

Com a técnica da xilogravura, da impressão em água-forte, e mais tarde com a litografia, a reprodutibilidade ganha cada vez mais espaço, sobretudo a litografia, que no início do século XX, popularizou-se, permitindo assim que a arte gráfica levasse suas produções ao mercado. Mas foi a fotografia, posteriormente, que realmente desencadeou todo um processo de reprodução de imagens.

A reprodução técnica de uma obra de arte proporciona coloca-la em situações impensadas originalmente pelos artistas. Temos como exemplo a obra “Monalisa” de Leonardo Da Vinci, amplamente reproduzida em vários formatos para o consumo, atingindo assim um grande público. A obra foi submetida a vários fatores, que fizeram dela o que ela é hoje. Porém, para o autor, a multiplicação da reprodução gera a perda da “aura” da obra de arte: “a autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo aquilo que nela é transmissível desde a origem, de sua duração material até seu testemunho histórico” (BENJAMIN, 2014, p. 21). O que há de melhor, de mais sutil desaparece pela reprodução. Identificando a necessidade de ter, de possuir o objeto artístico, na reprodução a autenticidade não se aplica mais, transformando toda a função social daquela obra, alterando toda a relação existente entre a arte e o seu público.

**c)** Após a apreciação do vídeo e leitura do texto, os alunos produzirão um pequeno texto sobre o seu contato com obras de arte e nele devem apresentar

os principais conhecimentos acerca dos conteúdos estudados até o momento, podendo recorrer às anotações realizadas nas aulas anteriores.

### **10ª atividade: Estudo do movimento artístico Pop Art. (4 aulas)**

Nessa atividade buscaremos compreender a relação entre a Indústria Cultural e o movimento artístico Pop Art.

A Pop Art surgiu a partir de 1950, na Inglaterra, mas se desenvolveu com mais força nos Estados Unidos. Os artistas usaram como temas de suas obras, produtos de consumo, imagens de celebridades, objetos de uso cotidiano e recursos da propaganda e das histórias em quadrinhos. A Pop Art dialoga com o consumismo, com a moda, com o acesso à arte pelas massas e com a industrialização da sociedade. Alguns artistas, com suas obras, buscaram chamar a atenção sobre a distinção entre a “cultura de elites” e a “cultura das massas”. Além disso, o movimento representa uma reflexão sobre qual é o lugar do artista e do seu “produto” (arte) no mundo capitalista. No Brasil, na década de 1960, a Pop Art usou a mesma linguagem dos artistas norte-americanos, mas transformou as temáticas em denúncias políticas e sociais, de violência e de tortura, sendo que o país estava no período do início da ditadura militar. Entre os artistas, destacam-se: Antonio Dias, Rubens Gerchman Claudio Tozzi, Wesley Duke Lee, Marcelo Nitsche.

a) Apreciação e leitura de imagens de obras de alguns importantes artistas da Pop Art. Como roteiro para a análise das obras usaremos o Image Watching, criado por Ott, (1997), um processo de leitura desenvolvido em cinco categorias: - Descrevendo: observação da obra, com um olhar cuidadoso, deixando a arte falar primeiro. Em seguida, listar o que se percebe da obra de arte criticamente, partilhando as percepções com os demais alunos. - Analisando: investigação de como foi executada, os elementos da composição, as técnicas e formas da obra de arte. - Interpretando: Momento dos alunos expressarem como se sentem em relação à obra, valorizando as respostas pessoais e sensoriais dos alunos. - Fundamentando: Relação com o conhecimento artístico do aluno. Nesse momento apresentamos a contextualização da obra. - Revelando: Momento da expressão e produção, o

fazer artístico. Lembramos a todos de que esse método é apenas uma sugestão e que o professor pode encontrar outras formas de trabalhar a leitura de imagens.

-Obra “Just what is it that makes today's homes so different, so appealing?” Richard Hamilton 1956, colagem (o que será que torna os lares de hoje tão diferentes tão atraentes?). A obra mostra o culto ao corpo com o lar repleto de produtos de consumo, objetos industrializados. Nela se faz uma crítica ao consumismo. Link da imagem.

<http://www.medienkunstnetz.de/assets/img/data/662/bild.jpg> Acesso em: 9 nov 2016.

Sugestão de vídeos sobre a Pop Art:

- A galeria de arte de Massinha – Roy Lichtenstein - Animação suíça, 2005, direção: Fusako Yusaki. Episódio da série de animação da TV Escola, apresenta as obras do artista para crianças. Duração 03min07s

<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=6461> Acesso em: 9 nov 2016.

- Vídeo Andy Warhol. Apresenta imagens de obras do artista bem como a música composta em sua homenagem por David Bowie. Duração 03min47s.

<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=6089> Acesso em: 9 nov 2016.

- Pop Art. Vídeo com imagens de obras de vários artistas. Duração 03min30s

<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=6197> Acesso em: 9 nov 2016.

-Link com imagens dos artistas brasileiros

[https://drive.google.com/drive/folders/0B\\_TvKv2FIqM3lhdmhfYVFheDQ](https://drive.google.com/drive/folders/0B_TvKv2FIqM3lhdmhfYVFheDQ) Acesso em: 9 nov 2016.

## **11ª atividade: Estudo sobre a história e as técnicas de gravura: (2 aulas)**

Nessa atividade estudaremos a sobre a história e as técnicas de gravura, relacionando a técnica com a Indústria Cultural.

**a) Leitura dos textos:**

Texto I

### **Origens da gravura**

Os chineses a mais de um milênio e meio, usavam a técnica da xilogravura para imprimir orações budistas, depois cartas de baralho e papel-moeda. Na Europa, as primeiras estampas de tecido datam do século VI, mas a impressão em papel, a

partir do século XIV e XV, em imagens sacras e cartas de baralho. A matriz mais antiga, presume-se de cerca de 1370 a 1380, retrata a crucificação de Cristo. A primeira produção em série, foram as cartas de baralho, que se popularizaram devido a nova técnica.

Tanto na China como na Europa, os primeiros livros xilográficos eram religiosos, tornando-se acessíveis a mais pessoas, pois anteriormente eram manuscritos e muito caros. Como as imagens eram usadas junto com a escrita, os livros passaram a ser compreendidos mais facilmente, até por aqueles que não liam. Exemplo, a Bíblia Pauperum (Bíblia dos pobres), cerca de 1440.

A matriz xilográfica consistia em uma chapa única com o entalhe das letras do texto todas juntas para cada página. Com a invenção da tipografia (letras soltas), em meados do século XV, as letras passaram a ser cominadas de diferentes formas e reaproveitadas várias vezes. Logo passaram a ser feitas, de metal, mais resistente. Houve assim o maior barateamento do processo de produção de livros. Além dos livros a xilo continuou sendo usada como obra autônoma.

Destaca-se o artista alemão Albrecht Dürer (1471-1528), que, segundo Costella (2003, p. 30),

[...] embora a gravura lhe parecesse apenas uma maneira de divulgar-se como pintor, Dürer deu à xilogravura uma resolução plástica tão criativa que acabou criando uma nova linguagem, muito mais rica do que as corriqueiras estampas que cumpriram somente a função ilustrativa. Abriu, assim, novos horizontes para a xilografia, os quais sobressaem claramente, por exemplo, com a publicação de seu “Apocalipse”, em 1498.

No Japão, a partir do século 17 a escola “Ukiyo-e” popularizou o uso da xilogravura de forma autônoma, só com imagens, para atender a demanda por arte, devido a prosperidade econômica do país. Eles foram os primeiros a usarem várias matrizes para gravuras coloridas.

A partir da popularização da técnica na Europa, surgem vários artistas importantes. Destaca-se o artista Gustave Doré, que criava suas obras com a xilografia de topo, técnica que permite maior riqueza de detalhes.

No final do século dezenove, por causa de inovações técnicas, a xilografia perdeu sua função no campo da ilustração direta de livros, jornais e revistas. Para ilustra-los passaram a ser utilizados os clichês, isto é, matrizes metálicas obtidas por meio químico-fotográficos, de feitura mais rápida e mais barata. Além disso, a composição se acelerou com o emprego da linotipo, máquina que dispensou a reunião manual dos tipos, e as tiragens agitaram-se graças à impressão, por meio de rotativas, em papel contínuo. (COSTELLA, 2003, p. 42).

No século XX muitos artistas usam a técnica com fins estéticos, entre eles, Paul Gauguin e Edward Munch. Também foi muito usada no movimento artístico do Fauvismo, por Henri Matisse, e principalmente pelos artistas alemães do Expressionismo, que passaram a fazer experiências inovadoras na busca de novos caminhos para a arte. Destaque para o artista Erich Heckel.

No Brasil, acredita-se, segundo relatos, que em várias tribos indígenas eram usadas matrizes para imprimir desenhos na pele. Com a vinda da Família Real Portuguesa em 1808, instalou-se a Imprensa Regia (uma tipografia oficial) e o Colégio das Fabricas, onde se faziam a estamperia de chitas e de cartas de jogar. A partir do século 19 a xilogravura passa a ser utilizada para diversas impressões, como ilustrações de livros e anúncios comerciais. Destacam-se os gravadores: Alfredo Pinheiro e Adolf Kohler.

### A Literatura de cordel

Origem no final do século 19, no Nordeste, com folhetos impressos em xilogravura, de poesias, versos e ilustrações. Segundo Cortella, (2003, p. 60): “como esses folhetos, usualmente oferecidos à venda nas feiras, ficavam em exibição dependurados em barbantes, passaram a ser conhecidos pelo nome de literatura de cordel.”

No Brasil, vários artistas se destacam pela sua produção, como os pioneiros da xilogravura como linguagem artística, Lasar Segall e Oswald Goeldi. Na nova geração de gravadores, citamos Lívio Abramo, que durante os anos 1930, em linguagem expressionista, dedicou-se a temas sociais, em especial o ambiente operário”.

**b)** Apresentaremos aos alunos as técnicas de gravura com a exposição dos materiais e imagens, com a explicação de cada uma, dando destaque a xilogravura e ao silk-Screen.

Link dos vídeos com obras de Albrecht Dürer, de 2006. Duração 03min30s:

<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=6100> Acesso em 27 nov 2016

Link com imagens de gravura:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9132/livio-abramo> Acesso em 27 nov 2016

### **12ª atividade: Prática artística de Gravura: (4 aulas)**

Nessa atividade será proposto aos alunos a criação de gravuras, explorando a técnica de Silk-Screem (serigrafia), técnica importante na história da reprodutibilidade de obras de arte e também muito utilizada por artistas do Pop Arte. Para a atividade os alunos serão orientados a criar um desenho, considerando os aspectos necessários para o posterior uso da técnica. Aqui podemos explorar os elementos artísticos e estéticos da arte na produção dos trabalhos. A impressão será feita em dois tipos de suporte: em papel e em tecido (camisetas). O objetivo é utilizar a mesma técnica para um trabalho com finalidade artística e o outro com finalidade pragmática. Após a finalização das atividades, faremos uma exposição das produções dos alunos, a fim de socializar os conhecimentos adquiridos.

### **Avaliação**

A avaliação em Arte, conforme as DCE-Arte (2008, p. 81), “busca propiciar aprendizagens socialmente significativas para o aluno.” Por tanto, é importante que se observe as dificuldades e progressos dos alunos, a fim que

os conhecimentos sejam sistematizados e que o aluno possa chegar a uma compreensão da realidade.

Durante as aulas, podemos identificar o nível de conhecimento e elaboração de argumentos a partir de produções textuais e da oralidade; identificamos o crescimento do aluno em defender suas posições, argumentando com exemplos e informações; analisamos os registros realizados pelos alunos durante o processo, textos, respostas, frases. Avaliamos de forma coletiva as produções das propagandas, pesquisas e gravuras, estabelecendo, com os alunos, os critérios antecipadamente, para que o aluno tenha ciência de que precisará desenvolver para alcançar os objetivos do estudo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T.W. **Indústria cultural e Sociedade**. São Paulo, 5.ed., Paz e Terra, 2002.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1985.

ARAUJO, G.C.; OLIVEIRA, A.A. **Sobre métodos de leitura de imagem no ensino da arte contemporânea** doi: 10.4025/imagenseduc.v3i2.20238 Gu<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/20238>  
Acesso em: 29 out 2016

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. 2ª reimpressão, Porto Alegre: Ed Zouk, 2014.

BUORO, A. B. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: 4ª ed. Cortez, 2000.

COELHO, T. **O que é Indústria Cultural**. São Paulo. 8.ed. Ed. Brasiliense, 1986.

COSTELLA, A. F. **Breve história ilustrada da Xilogravura**. Campos do Jordão. Ed.Mantiqueira, 2003.

COSTELLA, A.F. **Introdução à gravura e à sua história**. Campos do Jordão. Ed. Mantiqueira, 2006.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo. 5 ed. Ed. Perspectiva, 1993.

FARTHING,S. **Tudo sobre a arte**. Rio de Janeiro.Ed. Sextante,2011.

FERREIRA, G. Cildo Meireles Inserções em circuitos ideológicos 1970. In: Escritos de artistas: anos 60/70. E-book. Rio de Janeiro. Zahar,2006. Acesso em 12 out 2016<https://goo.gl/fp97eE>

FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. 9.ed. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara Koogan, 2002.

FREITAS, V. **Adorno & a arte contemporânea**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.,2003.

LOUREIRO, R. **Indústria Cultural e educação em tempos pós- modernos. Campinas**, São Paulo. Papirus,2003.

ORTIZ,R. **Mundialização e cultura**. São Paulo. Brasiliense,2005.

OTT, R. W. **Ensinando crítica nos museus**. in BARBOSA, A. M. (Org.). Arte-Educação: leitura no subsolo. São Paulo. 6ª ed. Cortez,2005.

PARANÁ. Secretária de Estado de Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Arte**. Curitiba: SEED, 2008.

PARANÁ. **Cadernos de expectativa de aprendizagem**. Departamento de Educação Básica. Curitiba: SEED,2012 disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/caderno\\_expectativas.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/caderno_expectativas.pdf) >

PILLAR, A. D. (Org.) **A Educação do Olhar no Ensino das Artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999

POUGY,E. **Poetizando linguagens, códigos e tecnologias: a arte no ensino médio**. São Paulo. Edições SM,2012.

SANTOS, J.L. O que é cultura. 12ª reimp. da 16ª ed. São Paulo. Ed. Brasiliense, 2006. Disponível em: <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/o-que-c3a9-cultura-jose-luiz-dos-santos.pdf> Acesso em 15 ago 2016.

SCHLICHTA,C. **Arte e educação: há um lugar para a Arte no Ensino Médio?**. Curitiba. Aymar,2009.